Realiza.te

MANUAL PARA ASSISTENTES OPERACIONAIS

PROGRAMA EDUCAÇÃO PARENTAL

FICHA TÉCNICA

Título

Programa Educação Parental:
Manual para Assistentes Operacionais

Autores, Design e Produção Gráfica

GesEntrepreneur - Empreendedorismo Sustentável, Lda.

Fotografia

Freepik.com

Propriedade:

Comunidade Intermunicipal da Região de Coimbra

Data da Edição

Setembro de 2019

CIM RC COMUNIDADE INTERMUNICIPAL REGIÃO DE COIMBRA

Co-financiado por:

CENTRO 2020 PORTUGAL 2020 UNIÃO EUROPEIA Fundo Social Europeu

ÍNDICE

7 **Introdução**

8 **O Programa de Educação Parental — conhecer para ser!**

12 **O Assistente Operacional ON!**

A importância do seu papel no coração das escolas

16 **O Assistente Operacional: educador e construtor de relações positivas!**

O relacionamento proativo com as crianças

22 **O kit de ferramentas positivas!**

Ferramentas que promovem competências sociais nas crianças

A atenção, os elogios, os incentivos e as recompensas

28 **Regras e limites: de que forma?**

Quais os limites a definir?

32 **Quando ignoramos também estamos a educar!**

Quando ignorar o comportamento inadequando?
E como redirecionar?

Quando aplico o tempo de pausa? Quando surgem as consequências?

40 **Se há um problema, existe uma solução!**

A resolução de problemas com as crianças

44 **O trabalho colaborativo com os pais!**

O que acontece quando os pais se envolvem?

O poder do trabalho de equipa: escola e família!

48 **O trabalho colaborativo com os professores!**

A aplicação de planos de comportamento

A hierarquia de disciplina

53 **Bibliografia**

“Quando te empenhas no que estás a fazer, quando as tuas ações são úteis para ti e simultaneamente para os outros; quando não te cansas de procurar a doce satisfação da tua vida e do teu trabalho... estás a fazer aquilo para o qual nasceste”

GARY ZUKAV

INTRODUÇÃO

"Bom, bom seria ter alguém que desse resposta a todas as nossas dúvidas, anseios e questões relacionadas com o modo "perfeito" de educar uma criança"

Acreditamos que este será o pensamento de muitos educadores perante situações "mais complicadas" do dia-a-dia com as crianças. E este manual, imagine só: *também não o fará!*

Cada criança é única e você também! Sabemos que são inúmeras as dúvidas que surgem quanto ao modo de educar: *será o correto, será o mais saudável, será o mais eficaz, será positivo?!* Um número infindável de questões e dúvidas! Mas só o facto de se questionarem é algo verdadeiramente positivo! Significa que há abertura para a mudança, para querer fazer mais e melhor.

Ser pai ou mãe é um dos papéis mais desafiantes na vida de uma pessoa, transcende a possibilidade de alimentar e cuidar do outro no simples sentido de sobrevivência da espécie. E o modo de "ser pai ou mãe" é naturalmente diferente de pessoa para pessoa. Os comportamentos parentais são afetados por uma variedade de fatores: o nível de conhecimentos e capacidades que varia com as suas próprias experiências da infância, o seu sistema de valores e princípios, o nível de instrução e outras experiências de vida.

É por isto, que sabemos que a tarefa de sensibilizar, capacitar e apoiar os pais e encarregados de educação na sua missão diária, enquanto educadores, não é assim tão simples. As famílias têm dinâmicas de vida muito próprias: rotinas, hábitos, modos de pensar e agir, diferentes prioridades, crenças, valores, etc. Para além disso, as famílias podem igualmente ter composições distintas: famílias biparentais, monoparentais, famílias com filhos de casamentos anteriores, famílias com filhos adotados e famílias de acolhimento.

O Programa de Educação Parental que lhe apresentamos agora, não tem todas as respostas exatas face ao que deve dizer ou fazer em cada um dos casos, mas antes, levá-lo a explorar um conjunto de temas transversais ao dia-a-dia da maioria dos pais, sabendo que isso os ajudará em parte a reconhecer ou a resolver alguns dos problemas que surgem na educação de uma criança ao longo da sua infância e início da adolescência.

A sua participação neste programa vai permitir que descubra, partilhe e recrie novas formas de ver a parentalidade nos dias de hoje, potenciando os seus principais valores e princípios!

Posto isto, queremos agora dar-lhe os parabéns!

Se está a ler este manual é porque aceitou o desafio de integrar este fantástico programa. Acreditamos que enquanto profissional que trabalha com crianças e pais, terá agora mais uma oportunidade para transmitir um conjunto de conhecimentos que irão claramente ter um impacto na vida destas famílias.

Poderá não ver os frutos imediatos do seu trabalho, mas estamos certos de que deixará boas sementes!

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PARENTAL

CONHECER PARA SER

A criação deste programa, para além das bases teórico-científicas em parentalidade e dos resultados práticos de vários programas de educação parental, nacionais e internacionais, teve ainda por base a experiência de mais de 10 anos de trabalho em projetos de educação, psicologia, parentalidade positiva e coaching parental, com crianças, pais e professores, ao longo de todo o território nacional.

Nasce assim um programa de educação parental dirigido a outros educadores para que possam explorar, de forma estruturada e consistente, um conjunto de ferramentas e estratégias sobre parentalidade com pais e encarregados de educação.

Shimmer
and
shine

A consciência de que saber cuidar e educar uma criança não constituem características inatas, remete para um esforço necessário na adaptação à unicidade de cada criança e ao exercício da parentalidade, influenciado pelos diferentes contextos familiares e sociais. Assim, o papel parental concretiza-se, por um lado, em função das necessidades específicas das crianças e, por outro, na vontade de corresponder positivamente às expectativas familiares e sociais atribuídas aos pais. Desta forma, é considerada uma das tarefas mais desafiantes e complexas da vida adulta e é, atualmente, alvo de vários estudos científicos.

Em detrimento disso, surgem cada vez mais programas de educação parental que proporcionam às famílias, professores e outros educadores, recursos e estratégias que lhes permitam ter um bom funcionamento. A sua participação em programas de educação parental para além de lhes permitir ter uma real noção do exercício das suas funções e perceber como é necessária uma boa relação adulto-criança, permite-lhes ainda trabalhar as suas competências pessoais, sociais e emocionais estando mais sensíveis e alerta para os problemas de comportamento.

Estes programas constituem uma ajuda importante no treino das capacidades de comunicação entre os adultos e as crianças, tornando estas relações mais positivas, diminuindo os comportamentos problemáticos das crianças e promovendo o desenvolvimento e manutenção de comportamentos mais adaptativos. Para que estes programas sejam eficazes e efetivos é importante garantir que são transpostos da teoria para o "mundo real" da forma mais correta, respeitando determinados critérios.

O Programa de Promoção da Educação Parental é promovido pela Comunidade Intermunicipal da Região de Coimbra, tendo por base um conjunto alargado de critérios, trata-se de um programa educativo organizado em subprogramas de capacitação específicas, destinados a técnicos especializados, Assistentes Operacionais e a pais e encarregados de educação.

O programa pretende levar estes públicos a refletir sobre diferentes temáticas no âmbito da educação parental, capacitando-os para a utilização de várias ferramentas e estratégias lúdico-pedagógicas e metodologias de intervenção educativa. De uma forma geral, o programa direciona a sua intervenção em dois campos de ação: a escola e a família. O subprograma dirigido a técnicos das escolas e/ou municípios tem como objetivo estratégico capacitar com metodologias e instrumentos de formação para, posteriormente, estes assumirem a dinamização de ações de formação dirigidas aos pais e encarregados de educação de alunos do 1.º CEB, com o apoio de consultores especializados em Educação Parental.

Já o subprograma dirigido a Assistentes Operacionais das escolas e agrupamentos de escolas tem como objetivo estratégico capacitá-los com metodologias e instrumentos de intervenção e de relação com as crianças nos contextos escolares não curriculares e que estes terão de aplicar na sua prática profissional, durante a formação e com a supervisão de consultores especializados em Educação Parental.

Por último, o subprograma dirigido a pais e encarregados de educação tem como objetivo estratégico capacitá-los com as metodologias e instrumentos de educação parental, que permitam, tanto no contexto familiar como na relação com a escola, aumentar as abordagens e relações positivas entre os principais agentes educativos das crianças do 1.º Ciclo do Ensino Básico e aumentar os indicadores de sucesso escolar e de comportamentos adequados.

De maneira global, o programa de Educação Parental pretende explorar e desenvolver as melhores condições para o sucesso escolar dos alunos do 1.º CEB através da implementação de subprogramas de capacitação dirigidos, de forma especifica, aos seus mais importantes agentes educativos — técnicos, operacionais e pais — e que adotam uma abordagem integral, ativa e compreensiva da educação e dos comportamentos de risco a inverter.

O ASSISTENTE OPERACIONAL ON!

A IMPORTÂNCIA DO SEU PAPEL NO CORAÇÃO DAS ESCOLAS

A importância do papel de um Assistente Operacional é crucial para o bom funcionamento de qualquer organização escolar. São membros integrantes e ativos da comunidade escolar. O desempenho das suas funções requer que interajam na escola, tanto com os professores como com os alunos.

Consideramos que quanto a isto não há qualquer dúvida!

A forma de viver a escola nos dias de hoje colocou novos desafios à comunidade escolar promovendo a necessidade de repensar os papéis e competências dos Assistentes Operacionais. Um Assistente Operacional não é, nem pode ser, apenas a figura que trata da limpeza dos espaços e do apoio aos docentes. Na dinâmica da escola, o Assistente Operacional, passa a ocupar uma excelente posição para a observação de comportamentos das crianças e/ou dos jovens no espaço de recreio escolar, mas também para os influenciar positivamente na promoção das competências pessoais, sociais e emocionais.

O Assistente Operacional para muitas crianças é na maioria das vezes um confidente, amigo e conselheiro face aos desafios do seu dia-a-dia.

É com os Assistentes Operacionais que na maioria das vezes, os alunos têm um contacto mais estreito, sendo frequentes as relações de maior confidencialidade. Por outro lado, estes profissionais são interventores em diversas situações, inclusivamente as que se relacionam com o domínio afetivo e emocional.

Um outro aspeto determinante que caracteriza os Assistentes Operacionais (ou deveria sempre caracterizar, pois nem sempre estão munidos de todas as estratégias) prende-se com a sua capacidade de reagir a problemas de comportamento (especialmente no momento dos intervalos), conseguindo antecipar algumas estratégias que diminuam a ocorrência de comportamentos perturbadores e/ou inadequados, reagindo de forma proativa. Falamos por exemplo de uma boa definição de regras e limites, da atribuição de elogios e incentivos, do apoio na resolução de conflitos, ajudando as crianças a tornarem-se proativas na gestão das suas emoções, etc.

A proximidade das famílias a este grupo profissional é, também, muito comum, particularmente nos níveis de escolaridade mais baixos. Por isso, é frequente que os pais troquem impressões, depositem confiança e, por vezes, peçam conselhos a esses profissionais. Este conjunto de motivos torna os Assistentes Operacionais parceiros importantes em qualquer dinâmica pedagógica que seja desenvolvida numa escola.

Um Assistente Operacional, que atua de forma consciente e verdadeiramente pedagógica e, tendo em conta as suas funções, caracteriza-se pelos seguintes fatores de sucesso:

- É tão neutro quanto possível
- Não atribui previamente "certos" e "errados"
- Controla a emissão de juízos de valor
- Encoraja a criança a falar do que a preocupa ou encaminha-a para alguém que poderá compreender as suas preocupações
- Procura ensinar à criança os bons e os maus segredos
- Proporciona a identificação de valores pessoais (criando um clima aberto e não constrangedor)
- Demonstra disponibilidade e confiança
- Utiliza vocabulário adequado do ponto de vista técnico
- Assenta as suas informações e conhecimentos em dados científicos corretos e atualizados
- Aborda conteúdos apropriados à faixa etária e ao nível de desenvolvimento dos alunos, tendo sempre em conta os interesses deste
- Procura a coerência entre as suas intervenções profissionais e as suas práticas como pessoa

Alguns autores reforçam inclusive o papel dos Assistentes Operacionais nas escolas, uma vez que supervisionam espaços e tempos de conflito potencial, como é o caso dos recreios e refeitórios.

Como tal, a valorização dos Assistentes Operacionais é de extrema importância, uma vez que lidam diretamente com as crianças acompanhando-as em atividades escolares diárias. São várias as qualidades destes profissionais nesta atividade, tais como: a pontualidade, a disciplina e a conformidade face aos objetivos pré-definidos.

E se estas são qualidades importantes no exercício das suas funções, outras há, que poderão também marcar a diferença, por diversas razões:

- Estão muitas horas com as crianças
- Podem ser os responsáveis por supervisionar as atividades que decorrem no final do dia escolar, altura em que todos (adultos e crianças) estão mais cansados
- Supervisionam situações de atividade mais livre, como os recreios e os refeitórios
- Podem supervisionar salas de aula e/ou salas de estudo na ausência do professor responsável

Nestes diversos momentos, podem surgir problemas de comportamento e conflitos que dificultam a gestão das atividades e prejudicam a relação adultos-crianças e crianças-crianças. Neste sentido os Assistentes Operacionais podem adotar estratégias de comunicação e de gestão de comportamentos mais eficazes. Têm também oportunidades únicas de facilitar a integração e interação das crianças com os colegas em situações em que existem maiores dificuldades de autocontrolo das emoções, que se refletem na sua socialização.

ASSISTENTE OPERACIONAL: EDUCADOR E CONSTRUTOR DE RELAÇÕES POSITIVAS!

O RELACIONAMENTO PROATIVO COM AS CRIANÇAS

O desenvolvimento humano não está pautado somente por aspetos cognitivos, mas também e, principalmente, por aspetos afetivos. Assim, a escola é um grande laboratório para se observar e questionar sobre os motivos que levam o convívio dos educadores e alunos, muitas vezes, a ficar desgastado e sem estímulo.

Sabe-se que o ser humano tem grande necessidade de ser ouvido, acolhido e valorizado contribuindo dessa forma para uma boa imagem de si mesmo. Neste sentido, a afetividade está intimamente ligada à construção da autoestima. Logo, a relação entre educador e aluno deve ser o mais próxima possível, pautada pela partilha de sentimentos e respeito mútuo.

É importante realçar que a tarefa de educar deveria ser, para a maioria das famílias e educadores, uma função tão natural quanto respirar ou andar. No entanto, educar é um processo desafiante que exige do adulto, antes de tudo, um autoconhecimento e autoconceito face aos seus valores, princípios, maneira de ser e de estar! A família e outras pessoas que convivem com a criança no seu dia-a-dia, fazem parte do seu primeiro grupo social representando o seu contato afetivo, o qual pode ser positivo ou negativo, influenciando o comportamento da criança. O autoconceito que essa criança terá de si refletirá as suas ações e a forma como será tratada ou mesmo percebida pelos outros.

Neste sentido, é essencial construir relações positivas com as crianças desde muito cedo. Uma relação assente na confiança, na compreensão, na atenção, na cooperação, na motivação e, consequentemente, no aumento das suas aprendizagens e aquisições escolares.

A investigação diz-nos que no caso das crianças oriundas de contextos onde há abuso ou negligência, quando existiu um educador ou um facilitador com quem estabeleceram uma relação estreita e de proximidade, os resultados a longo prazo foram muito melhores do que aquelas que não tiveram uma relação estreita com um adulto durante os primeiros anos de vida. Assim os educadores e, neste caso em particular, os Assistentes Operacionais podem fazer uma grande diferença no futuro das crianças se fizerem um esforço extra no sentido de desenvolverem relações positivas e verdadeiramente conscientes.

É verdade que os Assistentes Operacionais se esforçam por estabelecer relações positivas com todas as crianças, mas também sabemos que é mais difícil com umas do que com outras. Como sabemos há crianças difíceis, que exigem mais atenção do que outras, que são perturbadoras, desafiadoras e que estão quase sempre distraídas. E para muitos educadores a função de educar nestes casos chega a tornar-se numa missão frustrante, levando-os a zangarem-se, gritar, impor castigos excessivos, fazer críticas severas ou pior, evitá-las deliberadamente. Embora estas respostas aos seus comportamentos sejam naturais, a sua expressão não ajuda a promover boas relações no meio escolar.

Contudo, há formas de agir mais eficazes e verdadeiramente positivas! Pensemos em primeiro lugar nas razões pelas quais pode ser mais difícil lidar com algumas crianças.

Um dos primeiros aspetos, prende-se pelo facto de não encararem o educador de forma positiva e, neste sentido, não se preocupam com o que diz. Podem não confiar, devido às experiências negativas geradas anteriormente com outros educadores ou com outros adultos.

Podem também provir de contextos em que os adultos são negligentes ou abusadores e, nestes casos, as crianças não consideram os adultos pessoas que se preocupem com elas. Para elas os adultos não são uma fonte de apoio nem de auxílio, tornando-se desconfiados em relação aos adultos de maneira geral e mais desafiadores e desobedientes.

Um outro aspeto a ter em consideração e que poderá também estar na base dos comportamentos desafiadores são os problemas do foro biológico, neurológico ou de desenvolvimento como por exemplo, os problemas de défice de atenção e/ou hiperatividade, comprometendo a criança ao nível das suas competências linguísticas, por exemplo. Estas são crianças tendencialmente mais distraídas e com maior dificuldade em ouvir, seguir instruções ou ainda, como resultado do seu *background*, tenham uma baixa autoestima e sejam desmotivados porque não

acreditam nas suas próprias capacidades para alcançar determinados resultados.

Podem também ser desobedientes e não realizarem o que lhes é pedido, porque têm fome, estão cansados ou possivelmente porque têm tanta necessidade de afeto que agem assim, pois já compreenderam que, quando se portam mal, recebem atenção!

Seja qual for a relação subjacente ao comportamento inadequado é importante que os educadores não tomem os comportamentos ou as atitudes negativas das crianças a nível pessoal nem as culpem por não tentarem ou por não se preocuparem.

Em vez disso o educador deve ignorar os comportamentos perturbadores e tentar chegar à criança. Como sabemos o desenvolvimento de relações positivas com as crianças está longe de ser simples e exige um compromisso que tem de ser renovado com frequência. Exige um esforço consistente e a adoção de uma posição proativa.

E o que pode fazer para potenciar a sua relação com as crianças, tornando-a mais positiva e fortalecedora?

Demonstre às crianças que se preocupa e zela pelo seu bem-estar!

- Fazendo-lhe uma saudação pessoal todos os dias quando elas chegam
- Perguntando-lhes como se sentem, por exemplo, "diários de diálogo"
- Perguntando-lhes sobre a sua vida fora da escola
- Escutando-as
- Comendo de vez em quando no refeitório com as crianças
- Mandando cartões e mensagens positivas para casa
- Descobrindo quais são os seus passatempos e talentos especiais
- Partilhando alguma coisa pessoal sobre si
- Passando momentos a brincar com elas no recreio
- Estabelecendo relações positivas com todas as crianças, independentemente das suas capacidades escolares ou sociais
- Conhecendo os seus pais através de encontros na escola

Demonstre às crianças que acredita nelas!

- Identificando o auto-discurso negativo
- Promovendo o auto-discurso positivo
- Comunicando que acredita no seu sucesso
- Ajudando todas as crianças a apreciar os talentos e as necessidades especiais dos outros
- Seguindo as suas indicações, ouvindo com atenção as suas ideias

Demonstre às crianças que confia nelas!

- Convidando as crianças a ajudar nas tarefas diárias e nas responsabilidades da escola
- Encorajando a colaboração entre as crianças
- Encorajando as crianças a ajudarem-se umas às outras
- Partilhando os seus pensamentos e sentimentos com elas

O KIT DE FERRAMENTAS POSITIVAS!

FERRAMENTAS QUE PROMOVEM COMPETÊNCIAS SOCIAIS NAS CRIANÇAS: A ATENÇÃO, OS ELOGIOS, OS INCENTIVOS E A RECOMPENSAS

As competências sociais são atributos pessoais que facilitam a interação social e que nos permite sermos capazes de desenvolver condições para responder de forma adequada e ajustada aos estímulos e desafios que o dia-a-dia nos coloca.

De acordo com Sassu a competência social divide-se em três parâmetros: atributos individuais, capacidades sociais e atributos de relacionamento com os pares. Os atributos individuais estão relacionados com o temperamento da criança, com a sua baixa dependência dos adultos, com a empatia, capacidade de humor, entre outros. As capacidades sociais, por sua vez, estão ligadas à assertividade, capacidade de justificar as suas ações, capacidade para fazer parte de um grupo, participar em discussões, mostrar interesse pelos outros, etc. Por fim, e no que concerne aos atributos de relacionamento com os pares, os autores referem como exemplos o facto de a criança ser usualmente aceite pelos outros, ser convidada para brincar e trabalhar e ser considerada pelos outros como uma amiga.

As interações experienciadas nos primeiros anos de vida das crianças, com o grupo de pares podem definir se estas são mais ou menos competentes socialmente. Se as interações forem positivas estas apresentam características como: sensibilidade, empatia, capacidade de envolvimento em diferentes contextos, capacidade de resolução de problemas sociais. Ou seja, são mais pró-sociais! Se as interações forem pobres, as crianças apresentam um fraco ajustamento social, emocional e académico e problemas de adaptação social na idade adulta.

Neste sentido, a investigação e as diferentes práticas no terreno mostram-nos que o elogio e o incentivo podem ser usados para direcionar as crianças a dominar as suas competências pessoais, sociais e emocionais, a construir uma autoimagem mais positiva e a criar uma motivação necessária para não desistirem de uma tarefa.

Ao contrário das recompensas concretas, tais como o dinheiro e os privilégios, os elogios e outro género de recompensas sociais são praticamente inesgotáveis. Não levam tempo nenhum e é muito fácil encorajar comportamentos positivos nas crianças. Contudo é necessário termos em atenção que o equilíbrio

com que se faz uso do elogio é determinante para que seja verdadeiramente eficaz. Hoje em dia existem muitos adultos que elogiam a dobrar, talvez com receio de que as crianças se sintam menos amadas ou inseguras e para reconhecerem o valor que têm, caem no extremo oposto de dizer-lhes vezes sem conta que são as melhores, as mais bonitas e mais inteligentes. Poderão efetivamente dizê-lo, contudo quando a criança ouve elogios de forma repetida, mais rapidamente se torna insegura e dependente de um elogio/feedback externos. A sua capacidade de analisar as situações, em escutar a sua voz interna e em pensar por si mesma diminui.

Elogiar e o reconhecimento do comportamento são estratégias de educação "poderosas", mas quando não são aplicadas de forma equilibrada, poderão interferir na autoestima de criança. As crianças que têm uma autoestima elevada não se preocupam com o fracasso, procurando oportunidades para mostrar o seu valor e capacidades. Para elas o elogio funciona como um incentivo para demonstrar como são capazes de dar resposta a situações complexas (escolares, sociais ou pessoais). Por outro lado, as crianças com baixa autoestima preocupam-se com o fracasso e procuram evitar, sempre que possível, situações que poderão, eventualmente, revelar ou expor as suas dificuldades. Quando nos focamos nos comportamentos indesejados, contribuímos para a manutenção dos mesmos, porque as crianças entendem que assim terão mais atenção. A atenção positiva ou negativa, continua a ser atenção.

Ok! E como podemos aplicar de forma eficaz e consciente os elogios?

O elogio deve ser específico e concreto! É importante que a criança interprete de forma clara o que estamos a validar na sua ação. É comum os adultos fazerem uma série de elogios vagos, uns atrás dos outros, ou seja, pouco específicos e não descritivos ("muito bem! lindo menino...ótimo...sim, senhor!"). É mais eficaz usar elogios descritivos, ou seja, que descrevem o comportamento específico que se aprecia: "estás tão bem, aí sentadinha na cadeira", ou "gostei muito de te ouvir dizer «obrigada»", ou "lindo menino, apanhaste e arrumaste os blocos quando eu te disse". A descrição dos comportamentos positivos vai ajudar a criança a perceber exatamente quais os comportamentos pró-sociais mais importantes.

O elogio deve ser manifestado de forma entusiasta! O modo como elogiamos, através da nossa expressão corporal e das nossas expressões faciais é determinante para o efeito desejado no elogio. Assim, o efeito do elogio pode ser aumentado através do recurso a métodos não verbais de transmitir entusiasmo. Sorria e felicite a criança, olhando-a com ternura e dando-lhe uma palmadinha nas costas. O elogio deve ser expresso com energia, sensibilidade e sinceridade. Palavras ditas de forma descuidada não encontram eco na criança. As crianças precisam de elogios pautados por um tom de voz que traduza entusiasmo, descrições claras dos comportamentos positivos, expressões faciais assumidamente de aprovação e carícias.

O elogio tem validade e deve ser manifestado na hora certa! Às vezes, o elogio vem horas ou dias depois do comportamento positivo ocorrer e, deste modo, o elogio perde todo o seu potencial de reforço positivo e tende a soar mais artificial. O elogio mais eficaz é o que é proferido nos cinco segundos que seguem ao comportamento adequado. Isto significa que está a tentar incentivar um comportamento novo. Deve prestar atenção a todas as vezes que as crianças partilham alguma coisa, obedecem a uma ordem ou tentam vestir-se sozinhos. Não guarde o elogio apenas para o momento em que têm a roupa vestida ou os brinquedos todos arrumados. Incentive as crianças assim que elas começarem a adotar o comportamento desejado. O elogio deve ser frequente e consistente no início, para depois ser, gradualmente, substituído por elogios mais espaçados.

O elogio veste sempre uma capa de autenticidade! Tem que ser genuíno. As crianças sabem muito bem quando não estamos a ser sinceros, pelo que isso faz com que elas percam a confiança nas suas palavras. Para além disso, as crianças tornam-se inseguras porque não acreditam que as nossas palavras sejam positivas e têm dificuldade em diferenciar as situações em que realmente quer elogiar, daquelas em que não o quer fazer.

Elogio e a crítica não podem conjugar-se na mesma frase! Algumas pessoas fazem elogios e sem se aperceberem contradizem-se, com sarcasmos ou críticas ("Vocês vieram os dois para a mesa logo que vos chamei. Excelente! Mas que tal, da próxima vez, lavarem a cara e as mãos antes?", ou "Luís, ainda bem que fizeste a cama, mas porque é que não a fazes todos os dias?"). Esta é uma das coisas mais

perturbadoras que os pais podem fazer no processo de reforço positivo. É importante mostrar que se aprecia o comportamento, pelo que se parecer pouco animado ou desencorajante nos comentários, a criança vai deixar de tentar. Quando se elogia uma criança, é fundamental ser perfeitamente claro, inequívoco, sem recordar falhas anteriores ou comportamentos menos bons.

O Elogio não está associado apenas aos comportamentos "perfeitos"! Quando as crianças estão a tentar ensaiar os primeiros passos num novo comportamento, precisam de ser reforçadas a cada pequeno passo em direção ao objetivo. Se assim não for, se tiverem de esperar até conseguirem dominar o novo tipo de comportamento para serem felicitadas pelo seu esforço, podem eventualmente desistir. Lembre-se de elogiar as tentativas e não apenas o sucesso das tentativas, uma vez que, de outra forma, pode nunca conseguir ter motivos para elogiar. Elogiar a criança a cada etapa do caminho reforça a vontade dela nos seus esforços e aprendizagem, preparando-a para o êxito.

As crianças devem aprender a autoelogiar-se e a elogiar os outros! As crianças devem aprender a elogiar os outros, pois trata-se de uma competência que as ajudará a construir relações positivas com as outras crianças. Estas devem aprender a felicitar-se a si próprias, pois isto ajudá-las-á a tentar e persistir nas tarefas mais difíceis. Os pais podem ajudar os filhos a reconhecerem os seus próprios sentimentos de concretização através da forma como modelam o elogio ("tu deves estar tão orgulhosa — leste um capítulo inteiro sozinha! Tens de dar os parabéns a ti própria, não achas?"; "Guida, olha que grande castelo que a tua amiga construiu. Não achas que merece os parabéns?").

Importa, reforçar que o elogio quando bem aplicado "não estraga as crianças" nem estas se habituam a trabalhar apenas com vista às recompensas. É efetivamente o contrário: as crianças que apenas trabalham para receber a recompensa, tendem a ser aquelas que estão pouco habituadas a receber elogios ou reforço por parte dos adultos. Este facto leva-as a desejar essa recompensa ou apoio tão intensamente que se habituam a exigi-lo para obedecer aos pedidos dos pais. Alguns pais pensam que não devem elogiar os filhos, muitos outros não sabem simplesmente quando ou como devem elogiar ou dizer algumas palavras de encorajamento. É, contudo, possível, para pais e adultos em geral, adquirir aptidões de elogio e encorajamento; e, quando isto acontece, apercebem-se de que os recursos, as recompensas sociais e a atenção positiva, têm, muitas vezes, um impacto impressionante no comportamento das crianças.

Mas atenção! Tal como nos elogios, também os sistemas de recompensas têm formas eficazes de serem aplicados, pois quando atribuídos de forma incongruente poderão inclusive afetar a motivação da criança.

São frequentes os adultos que têm necessidade de recorrer a recompensas como uma estratégia de ação para com as crianças. Segundo Stratton podemos até organizar as recompensas em duas secções: as sociais, vistas como um incentivo, o qual deve ser utilizado quando as crianças se esforçam para adquirir uma nova competência ou comportamento. E as materiais, vistas como uma recompensa, a qual deve ser utilizada para "reforçar a conquista de um objetivo específico". E quando utilizamos as duas estratégias em simultâneo o impacto revela-se efetivamente maior.

A recompensa é assim vista como um reforço positivo por algo bem feito, algo que foi difícil para a criança, algo que tem significado para os pais e para ela, como por exemplo, uma atitude que pedimos que adotasse, bons resultados escolares, bons comportamentos, boas ações, etc. E quando se recorre às recompensas é importante cumprir o que se estipulou. Se assim não for *a ação futura deixará de ter consequências.*

Quando as crianças são expostas a muito sistemas de recompensa deixam de "ouvir" a sua vontade interior e começam a agir geridos por recompensas externas: Um dia o Joãozinho "Dou te um Beyblade se baixares as calças ao André" e se esse dia chegar, desejamos que a criança consiga ouvir a sua vontade interior. Se essa vontade tiver sido calada com recompensas e prémios a criança muito provavelmente vai-se guiar pelo prémio que irá receber.

Um outro aspeto que deverá ser tido em consideração diz respeito à dependência que os mesmos possam gerar na criança. Quando as crianças são expostas a sistemas de prémios e recompensas, podemos estar a criar pequenos dependentes de validação externa.

Stratton apresenta-nos um conjunto de dicas poderosas para utilizar a estratégia do elogio, a atenção positiva e o encorajamento a seu favor para promover competências pessoais, sociais e emocionais positivas nas crianças:

- Estabeleça contato visual, aproxime-se e sorria para a criança
- Descreva o comportamento e seja específico nos elogios que fizer
- Elogie com sinceridade e entusiasmo e de formas variadas. Transforme o elogio numa grande coisa
- Quando o comportamento desejado ocorrer, elogie-o imediatamente
- Combine elogios verbais e afeto físico
- Não espere que o comportamento seja perfeito para elogiar
- Elogie as crianças individualmente ou em pequenos grupos
- Use os elogios de forma consistente e com frequência, especialmente quando uma criança está a aprender um novo comportamento pela primeira vez. Lembre-se, é a forma mais consistente de reconhecimento positivo que pode dar a uma criança
- As crianças desatentas, que se distraem com muita facilidade, que são opositivas precisam de atenção frequente e de elogios sempre que se comportam de forma adequada
- Elogie as crianças de acordo com os objetivos comportamentais individuais que tem para elas — incluindo comportamentos académicos e sociais
- Quando der uma ordem, procure pelo menos duas crianças que estejam a cumpri-la — diga os seus nomes e volte a formular a ordem, elogiando o facto de elas estarem a cumpri-la
- Concentre-se nos seus pontos fortes e em áreas a melhorar
- Mostre que acredita nas capacidades das crianças
- Expresse o que sente sobre o comportamento e o efeito positivo da ação
- Não compare uma criança com outra (nem com um familiar)

REGRAS E LIMITES, DE QUE FORMA?

QUAIS OS LIMITES A DEFINIR?

A educação deve basear-se na comunicação assertiva e consciente, na imposição de limites e regras desde muito cedo e no auxílio à criança para lidar com as contrariedades que vão aparecendo. Assim, tão importante como elogiarmos e recompensarmos a criança é impor regras e limites face ao comportamento inadequado. Efetivamente, há mais probabilidade de encontrar jovens e crianças com comportamentos inadequados em famílias com poucos padrões e regras, pois uma definição consistente de limites contribui para o desenvolvimento de crianças mais tranquilas e seguras.

Este papel também cabe aos diferentes intervenientes que têm a função de educar, como os professores, educadores e claro, os Assistentes Operacionais. Um Assistente Operacional, na sua relação diária com as crianças na escola, acaba por colaborar com a família numa educação mais democrática e afirmativa, em que o adulto oferece algumas opções, embora estas sejam limitadas. Oferecer opções significa o respeito do adulto pelo poder que a criança tem e que devemos ajudar a desenvolver num sentido positivo e não conflituoso. E o facto das opções serem limitadas, significa que apesar de tudo, é o adulto quem orienta a educação da criança. As opções ou os limites estão diretamente relacionados com a responsabilidade e esta varia segundo a idade das crianças. É importante ensinarmos às crianças quais as fronteiras entre os comportamentos socialmente corretos e aceitáveis e os que não são, para que eles aprendam a respeitar essas "fronteiras" e evitar consequências desagradáveis.

Efetivamente as crianças só podem aprender um bom comportamento se constatarem que o comportamento incorreto sofre consequências sistematicamente. É importante também compreender que um comportamento de desobediência e protesto é normal, sendo uma expressão da necessidade de independência e autonomia da criança. E os adultos devem tentar decifrar que estas formas de protesto não devem ser vistas como um ataque pessoal por parte das crianças, tratando-se sim de um "teste". As crianças até uma determinada idade estão apenas a testar as regras impostas tentando perceber qual a consistência da sua aplicação. Se efetivamente não forem regras, limites ou ordens consistentes, a criança rapidamente percebe isso e levará o teste ainda mais longe. É importante encarar os momentos de desafio como experiências de aprendizagem, formas através das quais eles podem explorar limites e aprender a diferença entre os comportamentos apropriados e inadequados. Analisemos alguns dos problemas que os adultos enfrentam quando pretendem estabelecer limites:

Atribuir um grande número de ordens e ao mesmo tempo! Um dos aspetos essenciais prende-se com a redução do número de ordens em simultâneo. É importante que os adultos saibam avaliar tanto a quantidade de ordens como o tipo de ordens, reduzindo as ordens às verdadeiramente necessárias. Alguns adultos tendem ainda a repetir a ordem quando as crianças já estão a fazer o que lhes foi pedido. Antes de dar uma ordem é importante que avaliem se se trata de uma questão realmente importante e se está na disposição de aplicar consequências caso haja desobediência.

Neste sentido, um outro aspeto a ter em conta prende-se com o as ordens que são mencionadas em cadeia, umas atrás das outras, sem se quer dar tempo à criança para perceber a primeira que lhe foi dita. As ordens muito rápidas, nem sempre dão espaço ao elogio, pois o comportamento nem sempre é observado e eventualmente esta situação vai desencadear desobediência em parte porque a criança não consegue obedecer a tudo.

Atribuir regras e limites que não são realistas para a criança! Quando se define uma ordem é importante que a criança consiga efetivamente executar o que foi pedido, pelo que, os adultos não devem criar situações que muito provavelmente só vão resultar em fracasso e consequentemente em frustração para criança e para si.

Atribuir regras e limites pouco esclarecedores! Por vezes os adultos tentam camuflar a ordem que estão a dar à criança sabendo que à partida a criança não vai gostar, acabando por ser vagos e pouco diretos: "Olha para o que estás a fazer", "Tem cuidado", "Sê simpático", "Espera um momento". Ora, estas afirmações não esclarecem a criança face ao comportamento desejado. É importante que a definição de ordens seja específica relativamente ao comportamento esperado pela criança. Neste sentido, um erro que costuma surgir é a definição de uma ordem de forma interrogativa "Não está na hora de ires para a sala de aula?". A Probabilidade de a criança dizer "não" é grande! As ordens devem ser dadas de forma afirmativa e direta, usando o verbo da ação pretendida em primeiro lugar "Arruma a sala", etc. Usar um tom assertivo evitando a formulação de perguntas é mais do que meio caminho para que a criança compreenda e cumpra o que lhe foi pedido.

Atribuir regras e limites com peso, conta e medida! Quanto ao peso é importante que a criança tenha o tempo adequado para a realização da ordem mencionada, avisando a criança de forma clara quando deve iniciar o que lhe foi pedido e o tempo em que tem de terminar. Este "limite" de tempo ajuda a criança a regular-se e a gerar foco na tarefa. Quanto à conta, é relevante que considere formas diferenciadas na atribuição das ordens dando opções de escolha, dando ordens mais curtas e acima de tudo que não se revelem contraditórias. Um outro aspeto prende-se com o facto de a criança ter a noção de que o cumprimento ou o incumprimento da ordem tem consequências. Quanto à medida, é importante que as ordens atribuídas à criança sejam positivas, destacando o que ela deve fazer e não o que não deve fazer. Isto realça o comportamento desejado em detrimento do comportamento inadequado.

QUANDO IGNORAMOS, TAMBÉM ESTAMOS A EDUCAR!

QUANDO IGNORAR O COMPORTAMENTO INADEQUADO?

E COMO REDIRECIONAR?

QUANDO APLICO O TEMPO DE PAUSA?

QUANDO SURGEM AS CONSEQUÊNCIAS?

Quando ignorar?

Segundo a "lei da intervenção menos disruptiva", os adultos deverão ter em consideração que as consequências menos graves e as estratégias menos punitivas devem ser sempre tentadas em primeiro lugar, como resposta a problemas de disciplina. Por exemplo, quando uma regra é quebrada a primeira vez pela criança, o adulto deverá fazer um aviso verbal; à segunda vez, retira-se um privilégio; à terceira, pode ser dado um tempo de pausa, à quarta, a criança deverá ter uma conversa com os adultos, e assim por diante.

Uma das principais estratégias para reduzir os comportamentos inadequados das crianças consiste em ignorá-los. Esta poderá ser uma boa estratégia para modificar um comportamento, uma vez que priva a atenção que todas as crianças desejam. Os maus comportamentos que não são perigosos, nem passíveis de magoar crianças ou adultos, podem ser eliminados, caso sejam sistematicamente ignorados, como por exemplo, choramingar, arreliar, fazer birras. Desta forma, os adultos não estão a envolver-se na luta de poder com a criança e estas, percebem que comportamentos pró-sociais opostos trazem mais benefícios, pois recebem incentivos e elogios.

O ignorar eficaz ocorre quando os adultos conseguem neutralizar a sua reação ao que a criança está a fazer, ou seja, a sua expressão facial deve ser neutra, deve evitar contacto visual e não fazer comentários críticos ou sarcásticos, mantendo uma total ausência de comunicação.

A maior parte das crianças ao serem ignoradas, inicialmente aumentarão os comportamentos negativos, para verem se conseguem que os adultos desistam. Estes devem ter em consideração de que quando começarem a ignorar um comportamento ele irá, regra geral, piorar, ou seja, é sinal de que a estratégia está a funcionar. Caso os adultos acabem por ceder, as crianças irão aprender que comportarem-se de forma inadequada é uma maneira eficaz de conseguirem o que querem. Caso os adultos optem por usar esta técnica devem preparar-se para este período, mantendo-se firmes na decisão de ignorar.

Quando ignoramos o comportamento de uma criança é importante que possamos identificar de seguida distrações, para reduzir a reação das crianças ao facto de serem ignoradas, ou de lhes ser negada alguma coisa. Uma das estratégias, após ignorar e a criança acalmar será dar-lhe atenção, sugerindo uma outra atividade interessante que ela possa realizar. Ou seja, ignorar o mau comportamento, distraí-la logo que ela começa a comportar-se de forma mais adequada e elogiá-la ao primeiro comportamento cooperativo que ela tiver.

A técnica de afastamento pode ser eficaz se a criança estiver a agarrar-se aos adultos e a exigir atenção física, ou seja, os adultos podem afastar-se por exemplo, para outro lado do recreio. No entanto, deverão ter em consideração de não ir para muito longe, para prestar atenção e reforçar o comportamento adequado assim que ele surgir. Tenha sempre em atenção que esta estratégia não é adequada para comportamentos que coloquem em causa física e verbalmente outras crianças ou adultos (mentir, roubar, desobedecer, esquecer-se de realizar uma tarefa).

Tenha sempre em consideração de que a consistência é a essência do ignorar, por isso deve continuar sempre a ignorar até que o comportamento mude. Ignorar leva à diminuição dos maus comportamentos irritantes, mas não faz aumentar os bons. Para isso, terá que combinar o ignorar com a aprovação do bom comportamento, ensinando comportamentos adequados, ou seja, assim que o comportamento inadequado terminar, os adultos devem sorrir, falar com as crianças e procurar algo para os elogiar.

Redirecionar, também pode ser uma estratégia?

A estratégia do redireccionamento pode ser utilizada em várias situações, sendo uma estratégia que antecede a atribuição de consequências e ou a perda de privilégios.

Por exemplo, quando estamos perante uma criança tímida ou que se isola durante os momentos do recreio é importante não ver este comportamento "como resultado apenas da timidez", não devendo ser ignorado. Efetivamente a timidez não incomoda as outras crianças e para os Assistentes Operacionais não será também um problema, mas constituem um problema sério para elas mesmas, porque não se envolvem no que deviam estar a fazer e, logo, não interagem com as outras crianças promovendo as suas competências relacionais.

Se este comportamento for ignorado, estar-se-á a transmitir à criança que ninguém se preocupa e que têm expetativas baixas em relação a elas. Por outro lado, castigar uma criança que está distraída, mas não está a perturbar ninguém, poderá ser demasiado severo e pouco pedagógico. Em vez disso, o Assistente Operacional deve redirecionar a criança, dando-lhe a oportunidade de se envolver numa outra dinâmica mais produtiva, quer em sala de aula, quer no recreio.

Neste sentido, é possível lidar com muito comportamentos menores, não perturbadores, de uma forma discreta, utilizando eficazmente o redireccionamento. Este redireccionamento pode ser não verbal, verbal ou físico. A vantagem desta estratégia é que não chama a atenção de outras crianças para o comportamento inadequado e não perturba o trabalho ou a dinâmica do que está a ser feito naquele momento.

E o tempo de pausa, quando aplicar?

É importante a abordagem parental baseada na disciplina e nos afetos, ensinando de forma clara à criança quais os comportamentos inadequados ao mesmo tempo que conduzem a criança para a adoção dos comportamentos desejados. Assim sendo a estratégia que apresentamos agora diz respeito ao tempo de pausa o qual é reservado especificamente para problemas de grande intensidade tais como agressividade, comportamento destrutivo, crianças extremamente desafiadoras e em constante oposição.

Aqui o tempo de pausa é visto como uma estratégia poderosa para acalmar a criança e acalmar os adultos também. A criança é retirada do local do episódio e levada para um outro lugar onde seja possível estar sentada, mas sem qualquer distração. Por norma esse local é definido em conjunto com a criança, num momento de "não conflito" para que compreenda o seu significado e quando é que será aplicado pelos adultos. Quando a criança é dirigida para o "time out" é importante que lhe seja dito o tempo que deve permanecer ali e que permanecerá ali até que fique mais calma, não tendo permissão para sair enquanto não lhe for autorizado.

O "time-out" é uma técnica e não um castigo. Tem como finalidade ajudar a criança a acalmar-se, controlar-se internamente, reorganizar-se emocionalmente e "pensar no que fez".

Durante este processo, é importante que não lhe seja dada atenção ao comportamento da criança, nem explicação, de modo a que a estratégia seja eficaz. Atenção, o objetivo é evitar o comportamento e não a criança, sendo que, o local do tempo de pausa deve ser um local seguro de modo a que a criança não se magoe e possa ser vigiada pelos adultos. Neste sentido, o "time-out" refere-se a uma técnica em que a criança perde a possibilidade de obter reforço pelo seu mau comportamento.

O objetivo principal é o de interromper o círculo do comportamento disruptivo. É assim fundamental que a criança tenha a plena noção do porquê de estar em "time-out", ou melhor, deve saber qual foi o comportamento que deu origem a esta situação. O comportamento positivo no fim da pausa deve ser reforçado com elogios para que seja estimulado a acontecer mais vezes.

Se a criança tiver dificuldade em acalmar-se será importante ajudá-la com a associação de outras estratégias como o beber um copo de água, lavar a cara ou ouvir uma música de que goste, no entanto, não esquecendo que a pausa só termina quando a criança tiver refletido sobre o seu comportamento indisciplinado e com capacidade para passar ao passo da negociação e posterior pedido de desculpas.

Quando aplicar as consequências e de que forma?

As consequências são uma forma de responsabilizar as crianças pelos seus comportamentos, não necessitando de ser muito severas para serem eficazes. Devem ser apresentadas como uma escolha feita pela criança, por exemplo, "Tu bateste à Soraia, escolheste ir para o Tempo de Pausa, 5 minutos".

As consequências devem ser:

- Aplicadas de modo consistente — em vez de variarem consoante a situação
- Aplicadas uniformemente — iguais para todas as crianças que tiveram o mesmo tipo de comportamento
- Prontamente aplicadas — imediatamente após o mau comportamento
- Fáceis de fazer cumprir
- Relacionadas com o comportamento

Ao aplicarem consequências imediatas, curtas e objetivas, os adultos devem ainda dar à criança a oportunidade de voltarem a tentar a serem bem-sucedidas. Por exemplo, uma criança que pede uma folha para fazer um desenho, mas que depois pinta a mesa, deve ser alertada para o facto de ficar sem lápis. Caso o mau comportamento persista, devem ser retirados os lápis e devolvidos passado meia hora para que a criança tenha a oportunidade de usar os lápis corretamente.

É importante fazer a distinção entre consequências naturais e lógicas. As consequências naturais são os resultados negativos provocados pelo mau comportamento da criança, sem nenhuma intervenção dos adultos, por exemplo, ficar com fome por se recusar comer o almoço, esquecer os livros da escola e por isso não ter o trabalho corrigido, etc. Estas consequências devem ser implementadas com crianças em idade escolar, pois necessitam de um maior desenvolvimento de competências cognitivas.

Já as consequências lógicas é um resultado negativo do comportamento da criança, estabelecido com os adultos, por exemplo, se entornar água, terá que a limpar; se não usar os talheres com cuidado, serão retirados, etc. O estabelecimento de consequências naturais e lógicas pode ajudar as crianças a serem mais responsáveis pelo seu comportamento, a tomarem decisões e a aprenderem com os seus erros. Os agentes educativos devem certificar-se de que são capazes de viver com as suas escolhas e levar avante as consequências acordadas (lógicas) para que não reduzam a sua autoridade e para que as crianças tenham a oportunidade de aprender com os seus erros. Os adultos devem ter também em atenção o facto de não darem consequências demasiado punitivas e prolongadas, pois as crianças irão sentir-se melindradas e talvez até retaliem contra tais consequências. Apesar de muitas pessoas pensarem que quanto mais duros e prolongados forem os castigos, mais eficazes se tornam, na verdade, é exatamente o contrário.

É muito importante ser direto e assertivo quanto às consequências. Se as crianças recusarem em aceitá-las, os adultos podem optar por usar o tempo de pausa ou retirar algum privilégio. No que concerne à perda de privilégios, deve ser tido em conta de que o privilégio retirado deve ser algo que a criança gosta de fazer/ter, caso contrário não terá grande impacto. Os adultos devem ainda ter em atenção e ponderar os prós e os contras da aplicação desta técnica para que a consigam levar até ao fim. Desta forma, não estão a minar a sua autoridade e a privar a criança de aprender com os seus erros.

Quando alguma criança tem um comportamento menos próprio, como por exemplo bater num irmão, os adultos têm a tendência para interrogar, para fazer com que a criança admita o erro e indique o porquê de ter aquele tipo de comportamento. Acontece que, se para um adulto já é difícil admitir um erro, quanto mais para uma criança que raramente entende porque cometeu os erros.

Ou seja, deve-se evitar fazer interrogatórios. Direta e educadamente devem reforçar a consequência e ter em atenção que geralmente, num confronto sobre indisciplina, as crianças só ouvem os primeiros 20 segundos do discurso. Os adultos devem ainda ter em atenção de aplicar a consequência após a ocorrência do comportamento indevido, não esperando que os resultados da mesma (consequências naturais) surjam após um longo período de tempo.

SE HÁ UM PROBLEMA, EXISTE UMA SOLUÇÃO!

A RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS COM AS CRIANÇAS

A necessidade de resolver problemas surge a cada momento da vida. E para os adultos ajudarem as crianças a desenvolver gosto e competências para a resolução de problemas, estes podem propor-lhes a resolução, em conjunto, de problemas do quotidiano ou de situações lúdicas, tendo em conta a importância dos seguintes aspetos:

- Aproveitar a curiosidade natural da criança, fazendo perguntas e/ou respondendo às perguntas dela
- Ajudar a criança a tomar consciência da forma como pensa quando resolve um problema
- Ajudar a criança, através da colocação de perguntas e da realização de atividades em conjunto, a desenvolver estratégias de pensamento eficazes para resolver problemas
- Resolver problemas variados, em conjunto com a criança, de forma regular

Quando as crianças observam o que os adultos fazem para resolver um determinado problema, estão a aprender estratégias que depois tendem a aplicar também. Quando observam o prazer que eles colocam na atividade, aprendem e experienciam o mesmo prazer e sentem vontade de tentar resolver novos problemas. As perguntas que os adultos fazem às crianças durante a resolução conjunta de uma situação problemática ou de um jogo, podem contribuir para orientar a sua atuação e para os consciencializar da forma como pensam, das estratégias que utilizam, da maneira como ultrapassam obstáculos que surgem e dos processos que utilizam para avaliar o resultado encontrado.

Desde cedo, é importante que as crianças aprendam a resolver os seus problemas em autonomia. Por norma, e de forma particular nas crianças mais novas, as crianças reagem de forma pouco eficaz no modo como lidam com problemas ou situações de conflito: choram, fazem birras, gritam, podem tornar-se agressivas e outras ainda dizem mal dos outros ou metem os pais ou os educadores nos seus problemas.

De acordo com a investigação, as crianças que usam estratégias inadequadas, ou não tiveram a oportunidade de aprender formas adequadas de resolver problemas ou foram reforçadas inadvertidamente pelas respostas dos seus pais, educadores ou outros adultos.

Um outro aspeto que determina a incapacidade da criança de resolver os seus problemas,

prende-se com o seu temperamento, o qual influencia a sua capacidade de aprender competências mais eficazes de resolver problemas. De forma particular, as crianças que têm hiperatividade, impulsividade, défice de atenção e/ou problemas de agressividade, são mais propensas a terem dificuldades cognitivas com a resolução de problemas sociais.

O educador e/ou Assistente Operacional, perante estas situações, assume um papel determinante no modo como auxiliar a criança a desenvolver competências sociais e emocionais para a tomada de decisão no momento de resolver problemas. Os Assistentes Operacionais podem ensinar às crianças com comportamentos agressivos e impulsivos a pensarem em soluções que tenham uma maior probabilidade de as conduzirem a consequências mais positivas. É uma forma de criarem estratégias de pensamento que corrijam as falhas nos seus processos de tomada de decisão, reduzindo o risco de desenvolvimento de comportamentos perturbadores para os colegas.

E porque é tão importante que as crianças aprendam a resolver os seus problemas?

As crianças enfrentam muitos problemas diariamente: dificuldades escolares, problemas com os colegas, problemas nas suas brincadeiras durante o recreio, dificuldades em completar uma tarefa ou até mesmo problemas relacionais no meio familiar.

Quando uma criança não tem competências emocionais e sociais para resolver um problema e de alguma forma se sente inferior, a probabilidade de entrar num processo de evitamento dos seus problemas é maior. Por exemplo, se uma criança está a ser maltratada pelos colegas e não sabe como reagir, em vez de enfrentar a situação, dirá que não gosta da escola, estudará menos ou queixar-se-á de problemas de saúde para evitar expor-se à mesma situação. Outras crianças por sua vez, optam por não reconhecer que têm escolhas, reagindo impulsivamente sem pensar ou até mesmo com violência.

Assim sendo, como podem os Assistentes Operacionais ajudar as crianças a resolver problemas?

O Assistente Operacional, enquanto agente educativo, poderá adotar um conjunto de estratégias que ajudem as crianças a resolver problemas e, consequentemente, a reforçar a sua autoestima e sentido de superação. Uma das formas de ensinar passa pela modelagem de comportamento, ou seja, o modo como vêm um adulto a resolver os seus problemas no dia-a-dia, estimula à resolução imediata de problemas entre crianças quando vivem os conflitos. De maneira geral, podemos considerar 6 passos determinantes para ajudar as crianças a resolver os seus problemas, levando a que reflitam sobre as seguintes perguntas:

- Qual é o meu problema? *(O que é, quais os sentimentos, emoções que estão associados)*
- Qual poderá ser a solução ou as soluções? *(fazer uma chuva de ideias com a criança, empoderando-a na busca das soluções que fazem sentido para si)*
- Quais as consequências das minhas soluções? O que acontece a seguir?
- Qual é a melhor solução ou escolha? *(Levar a criança a avaliar as consequências das suas soluções em termos de segurança, justiça e bons sentimentos)*
- Estou a usar o meu plano? *(Está a fazer o que disse que ia fazer?)*
- Como correu? *(Refletir sobre o que fez, analisando os prós e contras e reforçar o esforço)*

Neste sentido, as crianças devem começar por compreender qual é o problema que "têm em mãos" visto que, por vezes, não estão conscientes disso ou não se atrevem a falar sobre o assunto. A criança precisa de reconhecer que tem um problema. E temos de reforçar a ideia junto da criança de que "Se existem um problema, tem de existir sempre uma solução!". E quando as crianças identificam o problema e conseguem falar dele, conseguem mais facilmente iniciar o processo de busca de soluções antes de partir logo para a ação.

É importante que a criança consiga falar sobre o modo como pretende resolver os seus problemas, criando espaço para o adulto monitorizar e encorajar esse processo sem impor as suas soluções e sugestões e assim, encorajá-las a proporem várias soluções possíveis e ajudá-las a transferir a sua concentração para as consequências de cada solução. Num momento final, o adulto pode avaliar como decorreu e avaliar com a criança o que correu bem e/ou menos bem.

O TRABALHO COLABORATIVO COM OS PAIS!

O QUE ACONTECE QUANDO OS PAIS SE ENVOLVEM?

O PODER DO TRABALHO DE EQUIPA: ESCOLA E FAMÍLIA!

É consensual que a escola é extremamente importante na vida de uma criança. Por isso, é essencial os pais se relacionarem com todos os agentes educativos dos seus filhos, sendo aliados estratégicos de partilha de informações, preocupações e estratégias que os beneficiarão. Resultados demonstram que quando os pais são treinados para usarem competências eficazes para lidar com as crianças, os seus filhos tornam-se mais sociais, com uma autoestima mais elevada e menos problemas de comportamentos agressivos. Da mesma forma, o envolvimento dos pais na escola tem efeitos positivos nos resultados académicos, nas competências sociais das crianças e na qualidade das escolas.

Os pais, juntamente com a escola, deverão trabalhar em planos de intervenção conjuntos relativos às necessidades das crianças, numa verdadeira parceria de colaboração.

É importante que os pais conheçam os educadores e os Assistentes Operacionais, e que por exemplo, numa reunião, apresentem as suas preocupações, dúvidas ou inquietudes e do modo como as situações familiares podem influenciar as aprendizagens emocionais, sociais e académicas das crianças, praticando desta forma uma parceria colaborativa. Nesta situação, deverá ser tido em conta que o professor/educador tem mais conhecimentos acerca dos princípios de ensino, do currículo e das necessidades de aprendizagem, enquanto que os pais sabem mais acerca do temperamento das crianças, do que gostam e não gostam e das suas necessidades emocionais.

Por exemplo, é fundamental que numa reunião com um educador, os pais possam partilhar quais as atividades que os filhos indicam que gostam na escola, bem como interessar-se pelo restante trabalho realizado na escola (caso o filho não o comunique), e questionar o professor sobre o comportamento do filho nas aulas e nos recreios. Em algumas circunstâncias os Assistentes Operacionais podem participar nestas reuniões com os pais, tendo em conta o conhecimento que detêm das crianças nos momentos de pausas de aulas.

As crianças quando estão em grande grupo podem ter um comportamento diferente, ou seja, é importante que os pais percebam que o comportamento em sala de aula ou no recreio pode ser substancialmente diferente do comportamento em casa. Os pais poderão ainda questionar o professor sobre o que poderá fazer em casa com a criança para ajudar na aprendizagem dos filhos.

Os pais deverão ter em conta de que a forma mais profícua dos seus filhos desenvolverem uma aprendizagem e um crescimento mais adequado, será o facto de conhecerem o que se passa na escola, nomeadamente, as dificuldades dos seus filhos. Por esse mesmo motivo, devem encarar as situações em que são chamados à escola para falar sobre eventuais problemas/dificuldades das crianças, como uma forma de envolvimento dos pais no processo de ensino-aprendizagem.

Sempre que se depararem com algum problema escolar, deverão conversar com o professor e com os Assistentes Operacionais o mais cedo possível, de forma a procurarem soluções em conjunto, chegarem a metas comuns, elaborando um plano, tomando conhecimento daquilo que o educador irá fazer na escola e saber como se vão envolver. Da mesma forma, os professores e assistentes mais competentes, são os que pedem a colaboração aos pais para lidarem com as dificuldades dos alunos.

A relação saudável entre a escola e a família traz tranquilidade ao sistema de ensino e ao processo de aprendizagem. O envolvimento dos pais e das crianças com a família e a comunidade escolar, torna-se preponderante para o sucesso do desenvolvimento da criança e da relação familiar, uma vez que todos contribuem para o mesmo objetivo.

O TRABALHO COLABORATIVO COM OS PROFESSORES!

A aplicação de planos de comportamento

O comportamento inadequado ou disruptivo da sala de aula é um problema comum em muitas escolas, tanto dentro, como fora da sala de aula. E, neste sentido, a criação de um plano de comportamento articulado com os vários interlocutores do meio escolar, pode verificar-se uma estratégia bastante eficaz.

Criar e utilizar adequadamente um plano de comportamento pode melhorar a atmosfera da sala de aula e a satisfação dos professores. Os planos de comportamento são uma ferramenta útil de controlo do comportamento dentro e fora da sala de aula, sendo pensado de forma particular para os alunos que apresentam maiores comportamentos perturbadores e inadequados. Estes planos têm acima de tudo, como principal objetivo, ensinar e reforçar os comportamentos positivos e são uma maneira de documentar o sucesso da intervenção.

E como pode ser criado um bom plano de comportamentos?

- Descrever e identificar quais são os maus comportamentos, aqueles que não devem "acontecer"
- Devem ser escritos de forma específica e clara
- Devem ser medidos, ou seja, "após uma determinada frequência ou duração do mau comportamento há consequências
- Determinar o que causa o comportamento
- Determinar o que está a ser reforçado na criança (comportamentos positivos em detrimento de comportamentos negativos)
- Definir papéis de qualquer pessoa envolvida na intervenção (Assistente Operacional, Professor, Psicólogo, etc.)
- Usar práticas positivas na criação de planos de comportamento
- Usar reconhecimento e incentivos positivos
- Definir regras e consequências claras e consistentes

Os bons planos de comportamento pretendem motivar o aluno a agir de forma intrínseca face ao que lhe é pedido e não de forma extrínseca (com o recurso, única e exclusivamente, ao seu próprio comportamento).

Depois de criar um plano de comportamento, é importante avaliar o sucesso. Se o plano estiver a funcionar, incentive gradualmente mais independência no aluno. Se não estiver, determine o que está em falta e faça uma revisão dos pontos que devem ser melhorados. Os planos de comportamento que não são implementados de forma consistente, geralmente falham.

E que outras estratégias podem ser usadas na sala de aula para diminuir os comportamentos inadequados? O que podem os Assistentes Operacionais fazer em conjunto com os professores?

Como sabemos, são várias as causas que podem despoletar no aluno um comportamento menos adequado quer dentro, quer fora da sala de aula. As dificuldades de aprendizagem específicas ou a perturbação do défice de atenção são alguns exemplos disso. Como tal, é importante dotar professores e Assistentes Operacionais de estratégias que os auxiliem a gerir da melhor forma estas dificuldades. De acordo com o Centro SEI — Centro de Desenvolvimento e Aprendizagem em Portugal, existem várias estratégias a adotar.

Quando existe dificuldade em completar uma tarefa específica passo a passo.

- Pode ajudar a criança a dividir a tarefa em passos viáveis e alcançáveis
- Pode dar exemplos específicos que modelem o aluno para que consiga completar a tarefa

Quando a criança passa de uma tarefa para outra sem terminar a primeira.

- Defina de forma explicita os requisitos necessários para a tarefa ser considerada completa (ex: "o teu trabalho de matemática termina quando todos os três problemas estiverem feitos e corrigidos; não comeces outra tarefa antes de terminares esta")

Quando existe dificuldade em seguir instruções.

- Certifique-se que tem a atenção do aluno antes de dar a instrução
- Use pistas/dicas para o alertar
- Dê instruções orais juntamente com as instruções escritas facultadas
- Dê uma instrução de cada vez
- Repita a instrução para o aluno, de forma discreta, após ter sido dada para o resto da turma
- Certifique-se que o aluno entendeu a instrução pedindo-lhe que a repita ou a explique por palavras suas

Quando existe dificuldade em manter o esforço e a eficácia ao longo do tempo.

- Reduza a extensão da tarefa e dê prioridade à qualidade (em vez da quantidade)
- Aumente a frequência dos reforços positivos (se vir que o aluno está a fazer bem, diga-lhe)

Quando existe dificuldade com qualquer tarefa que implique memorização.

- Combine a visão, a linguagem, a escrita e a realização
- Ensine técnicas de memorização como método de estudo (e.g. mnemónicas, repetição)

Quando existe dificuldade em manter a atenção (facilmente distraído por estímulos externos).

- Recompense quando estiver focado
- Divida atividades em unidades pequenas
- Vá recompensando realizações oportunas
- Utilize a proximidade física e o toque para o ajudar a focar e a manter a atenção

Quando existe dificuldade nas mudanças de atividades, tarefas, aulas, etc.

- Avise previamente o aluno de que vai haver uma mudança (agora estamos a fazer esta ficha, a seguir vamos fazer...) e o que espera dele (e é preciso que tu...)
- Tenha locais específicos para todos os materiais
- Peça a um colega que o ajude na organização do material na transição de atividade.

Quando desafia a autoridade

- Dê-lhe atenção positiva
- Fale individualmente com o aluno sobre o comportamento indevido (o que estás a fazer é... a melhor forma de obteres o que queres...)

Quando existe dificuldade em espaços não estruturados (corredores, recreio, refeitório).

- Diga ao aluno qual o objetivo concreto durante uma atividade não estruturada (o objetivo de irmos à biblioteca é...), associando aquilo que espera dele (e é preciso que tu...)
- Faça jogos de equipa e outras atividades de grupo

BIBLIOGRAFIA

Abreu-Lima, I., Pratinha, I.,(2012). Avaliação de Intervenções de Formação Parental: uma abordagem qualitativa. AMAzônica, ISSNe 1983-3415, Vol. 8, Nº. 1, 2012, págs. 208-243. Retrieved from: http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4046907

Alves, D. R. (2006). O emocional e o social na idade escolar: Uma abordagem dos preditores da aceitação pelos pares. Tese de Mestrado não publicada. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto;

Baumrind, D., (1991). The influence of parenting style on adolescent competence and substance use. Journal of Early Adolescence

Benavente, R.,(2008).Formação Parental. –Interrupção do mau trato e da negligência. Revista do Instituto de Segurança Social,I.P. Pretextos_nº 32. Retrieved from:

Borges, I., (2010). Qualidade da parentalidade e bem-estar da criança. Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação de Coimbra

Byrne, S., Chaves, M., Lopez, M., Quintana, J., Ruiz, B., Suarez, G., (2009). Programas de Educación Parental. Intervención Psicosocial. Vol. 18, n.° 2, 2009 - Págs. 121-133. Colegio Oficial de Psicólogos de Madrid

Cardoso, J. R. (2015). Pais à beira de um ataque de nervos (2.ª ed.). Lisboa: Guerra e Paz.

Cruz, O. (2005). Parentalidade. 1ª ed. Coimbra: Quarteto.

Dias, M.G. (2015). Crianças Felizes - O Guia para aperfeiçoar a autoridade dos pais e a autoestima dos filhos. (4ª ed.). Lisboa: Esfera dos Livros

Dias, M.G. (2016). Berra-me Baixo - 21 dias para deixares de gritar com o teu filho.(4ª ed.). Lisboa: Manuscrito.

Faber, A. e Mazlish, E. (2011). Como falar para as crianças ouvirem e ouvir para as crianças falarem. Brasil: Guerra e Paz, Editores S.A.

Fachada, M. (2010). Psicologia das Relações Interpessoais. Lisboa: Edições Sílabo, Lda

Gonçalves, E. P. D. (2015). A escola e a família, uma parceria ou uma simples aproximação?: Uma análise comparada de políticas, estratégias, práticas e resultados (Tese de doutoramento, ISCTE/Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, Portugal). Recuperado de http://hdl.handle.net/10071/10871

Gordon, T. (1998). Eficácia na Educação dos Filhos. Brasil: Encontro Editora.

http://www.dn.pt/portugal/interior/mais-de-mil-ideias-contra-o-insucesso-escolar-5436789.html

http://www4.seg-social.pt/documents/10152/63350/revista_pretextos_32.

Lopes, J., Rutherford, R., Cruz, M., Mathur, S., Quinn, M. (2006). Competências Sociais: aspetos comportamentais, emocionais e de aprendizagem. Psiquilíbrios Edições: Braga;

Marques, T., (2018). Educar com Amor e Firmeza. Braga: Guerra e Paz (Clube do Livro SIC)

Marujo, Á.; Neto, M.; Perloiro, M. (2000). Educar para o Otimismo. guia para professores e pais. Lisboa: Editorial presença.

Marujo, H. A., Neto, L. M., & Perloiro, M. F. (2002). A família e o sucesso escolar: Guia para pais e outros educadores (3.ª ed.). Barcarena: Presença.

Paiva, R.(2012). Ensino o Teu Filho a Estudar. (2ª ed.). Lisboa: Esfera dos Livros.

Quingostas, A., (2011). Um programa de educação/treino parental parentalidade positiva “Pais atentos... Pais presentes”. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade Técnica de Lisboa

Rocha, C., Morais, A. (1999). Desenvolver Competências Sociais nos primeiros anos da escola: Uma Inovação Possível. Centro de Investigação em Educação. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa

Serrano, O. (2015). A participação dos pais e encarregados de educação na vida da escola. PROFFORMA, 15, 1-4. Recuperado de http://cefopna.edu.pt/revista/revista_15/pdf_15/es_04_15_os.pdf

Simões, M. G. R. S. (2013). Formação parental em contexto escolar: Promoção da construção de pontes entre escola e família (Tese de doutoramento, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal). Recuperado de http://hdl.handle.net/10316/23714

Tavares, P. S. (2016, outubro 12). Mais de mil ideias contra o insucesso escolar. DN. Recuperado em 29 outubro, 2016

Urra, J. (2010). Educar com bom senso. Lisboa: A Esfera dos livros

Valente, C., (2014). Coaching para Pais. Estratégias e ferramentas práticas para educar os nossos filhos. (4ª ed.). Lisboa: Esfera dos Livros

Valente, C., (2016). O que se passa na cabeça do meu filho? Um guia para entender os comportamentos de oposição, decifrar silêncios e aprender a comunicar com os nossos filhos. (4ª ed.). Lisboa: Manuscrito

Webster-Stratton, C. (2010). Os Anos Incríveis: Guia de resolução de problemas para pais de crianças dos 2 aos 8 anos de idade (Tradução; M. F. Gaspar & M. J. Seabra-Santos, Revisão científica). Braga: Psiquilibrios Edições (Original publicado em 2005)

Webster-Stratton, C. (2017). Como Promover a Competências Sociais e Emocionais da Crianças. (Tradução; M. F. Gaspar & M. J. Seabra-Santos, Revisão científica). Braga: Psiquilibrios Edições (Original publicado em 1999)

Realiza.te